

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO

Papel da Universidade na cultura planetária do século XXI

Agradeço o “convite” da “Fundação Universidade de Brasília” para conversar com todos vocês neste recinto universitário, sobre algumas ideias que desenvolvi em meus livros “Germes de Futuro no Homem”, “O Caminho da Egoência”, “Antropologia de Síntese” e “Universidade de Síntese”, ideias que eu enquadro em uma mensagem mais ampla, que transcende minhas possibilidades de visão e que, desde o começo deste século, foi pronunciado - e continua sendo - por destacados pensadores, cientistas, místicos, educadores e artistas que, em conjunto, con-figuram a estrutura dinâmica do que podemos chamar **“mensagem planetária do novo signo do tempo”**.

É grato para mim estar **aqui**, neste espaço da Universidade, não só para “debater” com docentes e estudantes alguns dos temas científicos e filosóficos que hoje se anunciam como vanguardas do conhecimento, mas também para “compartilhar” **aqui**, dos problemas, inseguranças e angústias que perturbam o equilíbrio existencial de milhões de seres humanos sobre a Terra. E que, ainda mais, estão pondo em perigo a própria vida do planeta. Valorizo, precisamente, este “ponto físico” onde se dá o contato humano. Porque penso-e-sinto que é **a partir daqui**, desde a Universidade, de onde pode surgir uma resposta genuína, profunda, técnica-e-humana ao mesmo tempo que oferece soluções concretas às necessidades de expansão de consciência e desenvolvimento de uma maior qualidade de vida, de uma humanidade que já cruzou a barreira cósmica.

A mensagem do novo signo do tempo é profético/científica. Poderosa “corrente” de luzes-e-sombras que hoje comove não só as bases de nossos sistemas políticos, sociais e econômicos, senão que afeta, simultaneamente, a estrutura

funcional de nossa própria biologia molecular. Essa mensagem, apesar de seu tremendo poder logo/energ/ético, permanece em grande parte oculta à consciência do homem contemporâneo. Não é fácil reconhecer a natureza desta corrente que vem do futuro. Não podemos reconhecer a mensagem porque procuramos por ela onde não está. Procuramos o conteúdo “ideológico” da mensagem, em lugar de sintonizar-nos com a própria mensagem. A mensagem pós moderna não é ideológica, é “vibratória”. É como uma “luz invisível”, que sobremos e padecemos, sem compreender.

Este ocultamento da mensagem - Heidegger falaria de “ocultamento do ser” - se produz por uma via dupla: por um lado, por “cegueira” da consciência individual (fortemente condicionada por 25 séculos de pensamento objetivo e conhecimento fragmentado) e, por outro, através do “encobrimento sistemático” do poder da “sombra”.

Este “reducionismo” da visão (por cegueira da consciência e ocultamento da luz) é o que nos impede um acesso direto, sem intermediários, ao código genesíaco da **“mensagem planetária do novo signo do tempo”**.

Precisamente por esta “entropia” de matéria/luz, as mais elevadas expressões do pensar, os mais delicados acordes do sentir, as mais nobres criações da imaginação, o trabalho e o sacrifício, toda essa substância “destilada” da vida humana fica de repente “reduzida” aos valores convencionais de um mundo que passou. E também é possível descer um degrau a mais e passar do “mimetismo” da mensagem à **“antimensagem”**.

A mensagem profética da ciência, as visões intuitivo/simbólicas de Einstein, Planck, De Broglie, Heisenberg, Dirac, Pauli (equivalência massa/energia, campo quântico, princípio de incerteza, assimetria matéria/antimatéria) e as mais recentes revelações de um Prigogine (ruptura de simetria e princípio de auto-organização da matéria viva), todos estes princípios fundantes de um novo modo de pensar e de ser

ficam muito cedo ocultos pela vontade de poder de um messianismo tecnológico que reduz a potencialidade transcendente da mensagem a seus resultados práticos.

E o que diremos da mensagem da filosofia? “Viemos demasiado tarde para a filosofia e demasiado cedo para o ser”, lamenta-se Heidegger. Hoje em dia, a pura visão do “Ser-total” fica velada, já seja pelo predomínio do pensamento sistemático do ocidente, centrado no Ser, ou então, pela sedução das filosofias orientais que apontam para o não Ser, sem perceber que a filosofia pós moderna é uma filosofia do “ser-e-não ser”, que se aproxima mais da concepção científica do campo quântico que das especulações filosófico/místicas.

Também a mensagem social de liberação, que procura encarnar nos povos através de uma mística revolucionária, fica mais de uma vez frustrada - como o indica Fanon - “através da inconsciência dos oprimidos e do afã de poder dos novos opressores”. Em seguida, a publicidade e os “meios” fazem o resto. Como diz o sociólogo Jean Baudrillard, o “sentido do social” é hoje constantemente substituído pelo sacrifício “do simulacro e da sedução do ‘espetáculo’ ”.

Por último, a mística da mensagem pós moderna, sua “Voz In-sonora”, revelada no coração de muitas almas sensíveis como ideia/sentimento de expansão de consciência, essa mensagem primigênia fica logo revestida pelas mágicas vestiduras das novas religiões (“new religions”) ou pelas sofisticadas interpretações psicológicas.

A Universidade como “arca de sobrevivência”

A análise crítica destas formas reducionistas da potencialidade “holofônica” da mensagem não só apresenta um interesse teórico, epistemológico, senão que adquire especial relevância pelas derivações práticas de essa redução.

A perda de “luz” não só conduz à “perda de sentido” (neurose de massa do mundo moderno, como é chamada por Viktor Frankl), mas também à “morte do

homem” (por queda “entrópica” da vida). A sociedade inteira adoece (por carência de valores substanciais e vazio de condução).

Onde estão os novos mestres que possam ajudar a juventude a manejar inteligentemente as poderosas forças que foram liberadas no planeta?

Em épocas obscuras como a nossa, de fratura entre mundos, entre o ocaso dos antigos deuses e o nascimento de um novo sol, o saber se refugia em “arcas de sobrevivência”, como diz Toynbee. No passado medieval foram os mosteiros, hoje podem ser as universidades.

Penso que é precisamente a Universidade, como corpo orgânico, a que pode assumir a delicada função de des-velar a mensagem do novo signo do tempo e orientar sua poderosa energia. Desde seu próprio centro de vida uni-versitária pode ser gerada uma corrente de expansão de consciência que se traduza em respostas práticas às necessidades de desenvolvimento individual e social das novas gerações de estudantes. Faz falta para isso uma nova Universidade? Talvez não! Seria suficiente que a Universidade recuperasse para si mesma uma função perdida, o “Magistério Universitário”.

Olhando para o Século XXI

Já não podemos seguir em linha reta.

Já não podemos continuar debatendo na Universidade problemas que não têm solução. Muitos dos chamados problemas universitários são “falsos problemas” porque são propostos no contexto de um sistema de valores que já não tem vigência. A Universidade entrou em conflito consigo mesma, ao chegar ao limite de seu próprio movimento unilateral, a uma fronteira sumamente perigosa, ponto de “bifurcação”, onde o caminho do conhecimento se afasta do caminho da vida.

Ao chegar a este ponto crítico é mais fácil gritar “adiante!” que dizer “para onde” (citando palavras de Edward Mattchet).

Maio de 68 marcou um momento de inflexão. Creio que ainda não compreendemos o “sentimento humano” das revoltas estudantis da década do 60 e sua reação mundial em cadeia. A partir de então, muitas coisas continuaram como antes, mas a corrente de vanguarda tomou outros caminhos e se expressou de outras maneiras.

Em 1967, U Thant, sendo Secretário Geral das Nações Unidas, propôs a criação a nível internacional de um estabelecimento educativo que trabalhasse para a paz e o progresso. A 6 de dezembro de 1973 a “Assembleia Geral das Nações Unidas” aprova a “Carta Geral” da UNU (Universidade das Nações Unidas) que começa a funcionar em Tóquio, Japão, desde fim de 1974.

Com a Universidade das Nações Unidas, nossa civilização técnica teve seu primeiro foco planetário. Mas este foi só o primeiro passo de um movimento mundial expansivo que abarcaria novas dimensões do conhecimento-e-da vida.

A 3 de março de 1986, por iniciativa da UNESCO, se reúnem em Veneza 17 personalidades - entre elas dois Prêmios Nobel - de quinze países representando diferentes regiões geo-culturais (Brasil tem um digno signatário na persona do Professor Ubiratam d’Ambrosio), os quais emitem um documento que pode ser considerado pioneiro nas vanguardas da cultura planetária do terceiro milênio, a chamada “Declaração de Veneza”.

A “Declaração de Veneza” aponta com toda a clareza o ponto crítico de ruptura do paradigma de fragmentação, e acrescenta que “O conhecimento científico, por seu próprio movimento interno, chegou aos confins, de onde pode começar o diálogo com outras formas de conhecimento”.

A primeira resposta ao chamado de “cooperação intelectual”, “universalidade” e “transdisciplinariedade” que surge da “Declaração de Veneza” foi o “1º Congresso Holístico Internacional”, realizado em Brasília em março de 1987 e que culmina com a “Carta de Brasília”, documento que respalda os princípios da “Declaração de Veneza” e conclui afirmando categoricamente que “O século XXI será holístico ou não será”.

Quero destacar um fato que pode ser qualificado de fundacional. No próprio seio do Congresso Holístico, o governador José Aparecido anunciou sua firme vontade de criar a primeira “Universidade Holística” do Brasil, no Distrito Federal.

Esta mesma onda expansiva que passa pela “Declaração de Veneza” e o “1º Congresso Holístico Internacional” me trouxe novamente ao Brasil, para apresentar aqui, no âmbito universitário, minha proposta de “Universidade de Síntese”, modelo educativo para o ano 2000, que desenvolvi em um livro do mesmo nome (1984).

Qual é a proposta da Universidade de Síntese?

Não vou entrar em detalhes. Quero tão somente referir-me a seu princípio fundacional.

É um “modelo zero”. Não tem continuidade a partir dos modelos conhecidos, mas tampouco é um oposto. É um novo “órgão” do saber que equilibra por dentro, em nível humano, o processo expansivo da civilização técnica.

Penso que se, em escala planetária, podemos localizar o polo expansivo do conhecimento na Universidade das Nações Unidas em Tóquio, Japão, o polo de interioridade humana teria que estar radicado na América.

Por que América? Porque é a “América Profunda” (em termos de Rodolfo Kusch) a qual pode aportar à civilização do terceiro milênio a “força da Terra” e a “alma dos povos”, energia tectônica “humanizada”, sem a qual o poder tecnocrônico

das tecnologias messiânicas (Berry) poderá conduzir-nos a um novo afundamento da “Atlântida pós moderna”.

Rodolfo Kusch, em sua análise comparativa entre a filosofia do europeu culturalizado intelectualmente (“ser alguém”) e o mero “estar” do índio americano arraigado à Terra e ante a ira de Deus, conclui sua reflexão com estas palavras: “É que o Ocidente não tem um mero “estar” onde dissolver sua tensão. Faltam formas sociais e políticas que permitam essa dissolução e que a reabsorvam, transformando-a novamente em vida” (R. Kusch, “América Profunda”, Pág. 179).

Universidade de Síntese é uma dessas estruturas dinâmicas que “dissolve” a massa de informação do conhecimento fragmentado e a in-corpora no próprio coração do homem como “magma generativo”, como matéria primordial de onde tudo pode nascer de novo.

Logo iremos cumprir 500 anos em que o sonho de Europa foi projetado sobre a América. E agora virá o sonho do Oriente milenar, travestido com a roupagem tecnológica. É hora de que olhemos para nosso próprio “ser-e-estar”, é a hora do “Despertar de América” (José González Muñoz, em sua obra do mesmo título, Ed. ADCEA, Buenos Aires. 1975)

Referências Bibliográficas

Muñoz Soler, Ramón P. “Universidad de Síntesis – modelo argentino para o año 2000”, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1984

Muñoz Soler, Ramón P. “Magisterio Universitario e Pedagogía de Síntesis”, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1985

Muñoz Soler, Ramón P. “Antropología de Síntesis”, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1980

Muñoz Soler, Ramón P. “Germes de Futuro no Homem”, Editora de Cultura Espiritual, São Paulo, 1978

Baudrillard, Jean “Cultura y Simulacro”, Ed. Kairós, Barcelona, 1984

UNESCO. “Colloque de Venise: la science face aux confins de la connaissance”

Kusch, Rodolfo “América Profunda”, Ed. Bonum, Buenos Aires, 1986

González Muñoz, José. “El Despertar de América”, Ed. ADCEA, Buenos Aires, 1975